

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM MUSEU: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS

¹Priscila Caroline Vilasboas; Irailde Correia de Souza²

¹ *Universidade Federal de Alagoas. Pri45999@gmail.com*

² *Universidade Federal de Alagoas. Iraildecorreia@gmail.com*

Resumo

O presente estudo busca discutir o trabalho do pedagogo em espaços não escolares, mais especificamente sua atuação em museu. Compreende a educação como um processo que se dá em diferentes espaços: formais, informais e não formais e que onde ocorrer um fenômeno educativo pode se constituir em um campo da Pedagogia e de atuação do pedagogo. A abordagem metodológica adotada caracteriza-se como qualitativa, de cunho exploratório, envolvendo estudos da legislação e de teóricos que discutem a temática. Este artigo tem como objetivo apresentar o museu como campo de atuação do pedagogo e delimitando a educação patrimonial. Com os resultados esperamos contribuir para a discussão sobre a relação museu e escola, levantando o debate sobre a atuação do pedagogo nesse espaço. Consideramos o museu como lócus privilegiado e que tem grande potencial para o debate de ações culturais, sociais e política que muitas vezes não estão presente no ambiente escolar, e que, portanto, contribuiu fundamentalmente para uma formação integral dos educandos e para uma ampliação do campo profissional do pedagogo.

Palavras chave: educação não-formal; museu; educação patrimonial

Introdução

A formação de professores, especialmente de pedagogos, no Brasil, vem evidenciando a necessidade de maior articulação da escola com os diversos espaços educativos, escolares e não escolares, para que o formando (re)conheça os diversos e diferentes campos onde se desenvolvem processos educativos e as possibilidades de atuação. As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia estabelecem à docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental como base da formação do pedagogo. Todavia trata-se de um conceito ampliado que expressa a possibilidade de atuação na gestão da educação escolar e não escolar. É, nesta perspectiva que este estudo se coloca, buscando desvelar o museu como um dos espaços a atuação do pedagogo.

Na atualidade, vários estudos destacam o museu como espaço educativo, no entanto, no Brasil é ainda pouco utilizado tanto nas escolas quanto nas universidades, particularmente no curso de pedagogia, apesar de ser de extrema importância discutirmos a relevância da nossa história, da cultura, elementos que estão presentes dentro de um museu, enquanto instituição cultural.

A integração da educação com a história e a cultura são perspectivas que deveriam fazer parte da atuação do pedagogo desde de sua formação, já que esse é um dos papéis fundamentais da escola. Contudo, no próprio currículo do curso essa integração nem sempre se efetiva, ficando evidente diversas lacunas no processo formativo. O museu tem a função educativa de levar a uma reflexão social, de situar os sujeitos na sua história, no seu contexto, pensar sobre isso é estabelecer uma ponte entre o museu e a escola, não somente como um local de visitas, mas também como um espaço de aprendizagem, de relação social, cultural e política. Partindo da compreensão que os museus são locais propícios para motivar, desenvolver atividades e estabelecer diálogos e interações entre grupos, eles se constituem em um campo de atuação do pedagogo? Que atividades caberia ao pedagogo desenvolver? Essas são as indagações que nos levaram a esta pesquisa.

Gadotti e Padilha (2004), discutem a relação entre a “escola cidadã” e a “cidade educadora” mostrando que ambas derivam da palavra latina *civis*, cidadão que significa ser membro livre de uma cidade, sujeito de um lugar, traz esse entendimento de que a escola seja um espaço que proporciona a integração solidária entre todos espaços em nossa sociedade com o intuito educativo e com o foco social, tornando-o um ser histórico, social e modificador de sua realidade.

A maior ambição da escola cidadã é contribuir na criação das condições para o surgimento de uma **nova cidadania**, como espaço de organização da sociedade para a defesa de direitos e a conquista de novos. Trata-se de formar, para a gestação de um novo espaço público não-estatal, uma “esfera pública cidadã” (Jürgen Habermas), que leve a sociedade a ter voz ativa na formulação das políticas públicas, visando a uma mudança do Estado que temos para um Estado radicalmente democrático. (GADOTTI e PADILHA, 2004, p. 122)

Essa proposta defendida pelos autores, de construção de uma educação integradora, que perpassa pelo espaço cultural, já que é nesses processos que nos constituímos e construímos nossa identidade, e o espaço do museu, contribui para esses aspectos.

Diversos autores discutem o museu como espaço educativo, onde a ação pedagógica através da troca de saberes,

Consideramos os museus de ciências espaços educacionais. Neles, as experiências vivenciadas se projetam para além do deleite e da diversão. Programas e projetos educativos são gerados, com base em modelos sociais e culturais. Seleções de parte da cultura produzida são realizadas com o intuito de torna-la acessível ao visitante. Como em qualquer organização educacional, processos de recontextualização da cultura mais ampla se processam possibilitando a socialização dos saberes acumulados. (MARANDINO, 2005, p. 1)

O museu pode produzir programas, projetos e diversos materiais para a ação pedagógica, trabalhando nas perceptivas sociais e culturais, possibilitando o sujeito a construir

suas hipóteses, tornando acessível acervos culturais, que especificamente ficam nos museus, como exemplo fósseis, documentos antigos, etc., diversos acervos que não estão presentes na escola, e que através dos museus terá contato. A educação patrimonial faz parte dessa ação pedagógica, a autora Adriana Mortara Almeida pontua que “A proposta de Educação Patrimonial prevê a percepção/observação, motivação, memória e emoção. Sem esses elementos fica difícil o envolvimento afetivo e o interesse do visitante /usuário, necessários para que a aprendizagem ocorra.” (ALMEIDA, 1997, p. 54).

A elaboração deste trabalho baseia-se na entrevista realizada com uma pedagoga que atua no museu, focando nas diretrizes curriculares da pedagogia, situando as diferenças nas modalidades de educação, apresentando a instituição museu e profissão do pedagogo nessas perspectivas, a sua atuação, atividades dessa pedagoga com atuação em espaços não escolares, refletindo sobre esses aspectos. O objetivo deste trabalho é apresentar o espaço do museu como um campo para atuação do pedagogo, delimitando a educação patrimonial e a contribuição para a ampliação das perspectivas de trabalho desses profissionais.

A abordagem metodológica adotada é na perspectiva qualitativa, por privilegiar, no dizer de Martins (2004, p 289) “a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais”, do tipo exploratória, ela tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos. Nessa perspectiva, toma como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica e de campo. A primeira apoiou-se no estudo documentos oficiais do curso de pedagogia, bem como no estudo de teóricos que discutem as diferentes modalidades da educação e de ação pedagógica em outros espaços. A pesquisa de campo se deu através de realização de visita a um museu da cidade de Maceió e aplicação de um questionário, a uma pedagoga do referido museu. O estudo realizado teve origem no desenvolvimento de Projetos Integradores 2, componente curricular, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, buscando a compreensão do trabalho do pedagogo e de seu desempenho profissional no museu.

A formação do pedagogo e o campo profissional

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia (2005), a atuação do pedagogo vai muito além da sala de aula, a saber:

Art. 4º - O curso de Licenciatura em pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar e **em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.**

Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação; II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares; III - **produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares.** (PARECER CNE/CP Nº: 5/2005).

Como se pode ver a DCN além de traçar um determinado perfil para a formação do pedagogo, com bases na articulação entre a docência, a gestão educacional e a produção de conhecimento na área da educação, ela possibilita a atuação deste profissional em projetos e experiências não-escolares.

Assim, a atuação do pedagogo é ampliada, rompendo com a visão de que o campo de atuação do pedagogo limita-se a educação escolar de crianças, jovens e adultos, vai além, ocupando outros espaços da “cidade educadora”. Neste sentido, Libâneo destaca que

Todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente. Um professor é um pedagogo, mas nem todo pedagogo precisa ser professor. Isso de modo algum leva a secundarizar a docência, pois não estamos falando de hegemonia ou relação de precedência entre campos científicos ou de atividade profissional. Trata-se, sim, de uma epistemologia do conhecimento pedagógico. (LIBÂNEO, 2002, p.69)

É importante lembrar que o pedagogo não necessariamente precisa ser professor, com isso o autor reforça esse extenso campo para atuação do pedagogo, mas que não tira da docência sua importância pelo contrário demonstra que o conhecimento pedagógico se instala em vários aspectos de nossa sociedade, que não se restringe a escola, pois o ensino e aprendizado acontece em vários âmbitos, derrubando assim muros do saber, disseminando o conhecimento, dando a chance a outras instâncias de se desenvolver pedagogicamente.

Nessa perspectiva de que o campo profissional dos pedagogos não se restringe a educação escolar, convém compreender que os espaços não escolares se situam no campo da educação não formal. Existem modalidades dentro da educação que se diferenciam são essas modalidades: Formal e Não- formal, traremos essas perspectivas segundo o autor Moacir Gadotti

Educação Formal definida pelo estudioso Moacir Gadotti

“A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e

burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação.” (GADOTTI, 2004, p. 2)

Educação Não-formal

“A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem.” (GADOTTI, 2004, p. 2)

A educação informal também faz parte dessas modalidades, ela envolve a sociedade, não tendo uma necessária intencionalidade, é uma educação que acontece a partir da socialização dos indivíduos nos seus espaços, seja ele em sua casa, na igreja, seguindo assim valores e crenças desses espaços, grupos demarcados, carregando de valores culturais, pertencimento e sentimentos. (GOHN, 2014)

A partir desses apontamentos podemos perceber o quão complexo e vasto é o debate sobre educação e que restringir a educação só a escola, é um equívoco, pois deixaremos de vivenciar e compreender as diversas facetas de aprendizado. A compreensão dessas modalidades para o pedagogo é fundamental para o exercício de sua profissão, para além da ampliação da sua atuação, é importante olharmos e refletimos sobre essas perspectivas, pois daremos a nós e ao espaço escolar autonomia e condições dos mais diversos debates, construindo uma ação pedagógica que respeita os diversos saberes.

A educação não- formal caracteriza-se como pedagogia social, como “aquela que trabalha com coletivos e se preocupa com os processos de construção de aprendizagens e saberes coletivos”. (GOHN, 2006)

Essa modalidade de educação traz a dimensões políticas, sociais, culturais, históricas, construindo dessa maneira saberes que escolas formais, tradicionais não desenvolvem, porque o ensino formal segue parâmetros impostos pelo governo, que se utiliza muitas vezes de uma política que visa o ensino mecânico, “fechado”, sem muito espaço para construção social do sujeito, visando o certificado e não o aprendizado (em sua maioria), diferenciando da educação não- formal que se utiliza de outros métodos, pois nessa modalidade a interação, a troca se faz mais presente do que no ensino formal.

A atuação do pedagogo no museu se enquadra como uma educação não-formal pois não há uma rigidez de conteúdo, assim acontece o processo de interação entre os sujeitos, na troca de aprendizagens, através de debates, cursos, exposições, saraus etc. Que possibilitam

amplas discussões e constroem saberes coletivos de forma menos burocrática, estabelece dessa maneira atividades sociais, culturais e educativas mais prazerosas, podendo haver uma maior inclusão de conteúdos, reflexões e críticas.

O trabalho do pedagogo no museu

O estudo foi realizado na unidade do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em Alagoas, criada em 2009, após a Sub-regional ter sido desvinculada da 5ª Diretoria Regional de Pernambuco. A atuação rotineira do Iphan, no Estado, converge para as ações de preservação com o envolvimento da população neste processo, e pelo aperfeiçoamento da gestão dos conjuntos históricos, contribuindo para a inserção econômica, cultural e social no esforço de desenvolvimento local.

Convém destacar que o Iphan é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. O Iphan possui 27 Superintendências (uma em cada Unidade Federativa); 27 Escritórios Técnicos, a maioria deles localizados em cidades que são conjuntos urbanos tombados, as chamadas Cidades Históricas; e, ainda, cinco Unidades Especiais, sendo quatro delas no Rio de Janeiro e uma em Brasília, o Centro Nacional de Arqueologia. O Iphan também responde pela conservação, salvaguarda e monitoramento dos bens culturais brasileiros inscritos na Lista do Patrimônio Mundial e na Lista o Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, conforme convenções da Unesco, respectivamente, a Convenção do Patrimônio Mundial de 1972 e a Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003.

No Iphan, a pedagoga atua na perspectiva da educação patrimonial, mas também durante as visitas da escola ao espaço, o trabalho nesses espaços não se restringe ao momento de visitas das escolas no museu, acontece um trabalho fora do museu no processo de fiscalização e compreensão sobre o patrimônio. A pedagoga entrevista pontua que *“A função do pedagogo é trabalhar nessas comunidades a importância desse patrimônio com isso trabalha-se muito com a questão de pertencimento, de pertencer a uma comunidade, fazer com que a comunidade entenda que mesmo que a casa dela seja tombada, que ela não irá poder mexer na casa externamente, que a casa é um patrimônio da humanidade, que aquilo conta uma história, que traz uma memória precisando assim ser preservada, então a*

educação patrimonial lida muito nesse contexto de trabalhar com pessoas essa consciência de memória, de preservação, de pertencimento de lugar”. (Pedagoga)

Durante a entrevista foi explicitado sobre o patrimônio material e imaterial, e que a pedagoga atua nessas perspectivas dentro do museu

“isso é um exemplo do patrimônio material (referencializa a fala anterior sobre a importância do patrimônio) existindo também nesse espaço a atuação do pedagogo lidando com o patrimônio imaterial, que é onde o profissional trabalha com as escolas, as escolas vão até a instituição visitar, e o pedagogo trabalha com as crianças que vão visitar o instituto, questões do que é patrimônio como um todo, não só o contexto das cidades onde há sítios tombados, mas sim de um contexto geral, discutindo assim com os alunos o que é patrimônio? , o que é identidade cultural?, Por que é importante preservar? Por que é importante conhecer as exposições? O pedagogo, portanto, trabalha internamente, mas também externamente, com o público. ” (Pedagoga)

A importância desse trabalho de debate sobre identidade, preservação e de reconhecimento das exposições dentro do museu e também fora dele com os patrimônios, é onde o pedagogo atua no Iphan. Durante a entrevista a pedagoga pontua a questão da educação patrimonial, é importante delimitarmos o que é, segundo a autora Evelina Grunberg, “A Educação Patrimonial é definida como o "ensino centrado nos bens culturais, com metodologia que toma estes bens como ponto de partida para desenvolver a tarefa pedagógica; que considera os bens culturais como fonte primária de ensino” (GRUNBERG, 1995, p. 54), ainda sobre, a educação patrimonial objetiva colocar o museu como ”1) parte da vida comunitária; 2) local onde se preserva a memória cultural e 3) local onde se educa permanentemente pela fonte de imagens, ideias e testemunhos da capacidade criadora do homem em seu processo evolutivo”. (ALENCAR, 1987, p.54).

Quando pensamos em educação patrimonial vem logo cabeça, uma educação que trabalha na perspectiva de preservação, contudo a educação patrimonial como já citado acima também trabalha aspectos sobre a identidade, já que também realiza atividades de pertencimento, *“então a educação patrimonial lida muito nesse contexto de trabalhar com pessoas essa consciência de memória, de preservação, de pertencimento de lugar, isso é um exemplo do patrimônio material”* (Pedagoga)

É importante refletirmos a importância desse aspecto, pois nessa relação acontece a ação pedagógica, pois o conhecimento sobre si e sobre o mundo é um saber fundamental para o desenvolvimento humano, portanto é um conhecimento que abrange aspectos importantes sobre as noções culturais, levando o sujeito a conhecer sua cultura e parte dela, pertencendo a um lugar que o constituiu, e atuação do pedagogo nessa questão, mostra como a pedagogia pode trabalhar essas questões de forma mais “didática”, sistematizando os projetos que podem ser trabalhados, respeitando os sujeitos e concebendo-os como agentes ativos. A atuação também acontece no momento das visitas, onde são agendadas escolas, para conhecer o espaço museu, sobre isso também compreendemos a legitimidade do pedagogo nesse espaço que irá fomentar questões para os alunos visitantes, fazendo a ponte com a escola, buscando debater questões pertinentes desses espaços, colocando desafios aos alunos sobre o espaço museu, que é um espaço bem mais aberto e amplo do que a escola.

A educação patrimonial com bem disse a pedagoga não se restringe somente ao seu trabalho

“A educação patrimonial permeia todas as áreas do IPHAN, onde trabalham os profissionais da arquitetura, engenheiro civil, arqueologia, historiador trabalham com o patrimônio material, e ainda nessa área tem também antropólogos. O pedagogo trabalha com todos esses profissionais, pois ele faz a educação patrimonial junto com a arqueologia, arquiteto, então o pedagogo faz a interação em todas as áreas”. (Pedagoga)

Diferente do ambiente escolar, o pedagogo pode se aproximar de diversas profissões, podendo então acontecer as diversas trocas de saberes, visando um melhor entendimento do que é museu, e seus mais variados aspectos, é perceptível que com essa interação os profissionais que muitas vezes não tem contato ou não conhecem sobre as ações pedagógicas, e sobre a educação patrimonial possam conhecer, refletir, podendo desenvolver um olhar de integração, de socialização.

Durante a entrevista foi destacado, a questão sobre o inventário pedagógico, que se consiste numa ação governamental, que visa fomentar a discussão sobre educação patrimonial, “ferramenta de Educação Patrimonial com objetivos principais de fomentar no leitor a discussão sobre patrimônio cultural, assim como estimular que a própria comunidade busque identificar e valorizar as suas referências culturais.” (BRASIL, 2016).

Esse inventário constitui-se como um grande passo para a uma discussão entre museu e escola, e o despertar dos profissionais da área para o museu, e a partir disso estreitar as

relações, já que a aplicação dessas discussões, são os próprios professores que irão aplicar, *“Aqui em Alagoas eu vou começar um trabalho com os professores, pois são eles que aplicam o inventário”*. (Pedagoga).

A partir disso podemos compreender que esse documento viabiliza a consolidação dos dois espaços, possibilitando a discussão cultural, social e política dos museus chegar nas escolas, fomentando debates, ampliando horizontes de atuação para o pedagogo e também divulgando o espaço museu para a comunidade escolar de forma geral.

A importância desse aspecto está também na quebra muitas vezes rígida do currículo escolar, como Lopes diz:

Trata-se de identificarmos essas pistas, para continuarmos refletindo sobre nossa prática. O que norteia nossa reflexão é a discussão do sentido mais geral dessa contribuição dos museus à educação: manutenção, reforço, extensão da instituição oficial escola e de seus métodos de ensino e avaliação, que todos, sem exceção, consideramos no mínimo, problemática; ou tentativa de contraponto, que possa talvez até contribuir para futuros questionamentos da ordem estabelecida, de modo que as crianças e os adultos tenham acesso a outros horizontes culturais além da rua, da escola e da tevê, quando possível. (LOPES, 1999, p.8)

É fundamental essa compreensão para o pedagogo que pretende trabalhar nesse campo, estreitando essas relações, pensar a ação educativa nos espaços não escolares que seja transformadora, inclusiva que estabeleça relações de respeito com os diversos saberes, que integre questões culturais, política e sociais, então a educação patrimonial não pode ser extensão de uma educação excludente, rígida, é necessário uma compreensão acerca do que é essa educação e suas especificidades, para que não se transforme em mais um ação técnica que exclui.

Considerações finais

Através dos pressupostos aqui apresentados podemos afirmar que atuação do pedagogo junto a um museu dá-se pela educação-não formal, pois ela tem a interação entre os sujeitos, existe uma ação educativa, mas que não é rígida, que foge dessa educação formal, possibilitando os sujeitos conhecerem culturas, histórias que muitas vezes não fazem parte de sua vivência, mas que fazem com que seja uma atividade reflexiva, crítica, proporcionando uma real integração fugindo assim de uma educação tradicional que é regrada pelo sistema capitalista que visa a preparação para o mercado de trabalho somente, não respeito os diversos saberes.

As instituições formais de educação muitas vezes trabalha na perspectiva de currículos técnicos, que não dialoga com a realidade do educando, e que na maioria das vezes não

considera os diversos saberes, excluindo discussões sociais e culturais; o museu como espaço de atuação do pedagogo e também como lugar onde acontece o processo de ensino aprendizagem demonstra que, são nesses espaços que os profissionais e educandos podem refletir sobre essas questões que não são explicitadas dentro de um currículo formal, colabora para o debate sobre identidade, cultura, política, contribuindo para uma formação integral dos sujeitos, respeitando os saberes e principalmente reconhecendo esses aspectos como fundamentais para a formação humana.

Tivemos como objetivo a apresentação da pedagoga na instituição IPHAN situada em Maceió, sua atuação e atividades, expressas pela entrevistada. A partir disso, foi possível conhecer essa atuação e de como se dava o processo educativo dentro do espaço. As dificuldades do pedagogo na instituição museu, são muitas, já que existe uma grande burocracia para que haja uma ação educativa nesse espaço, portanto poucos profissionais da educação desenvolvem atividades educativas fora da escola.

A visita e a entrevista nos possibilitou também conhecer um novo plano pedagógico do IPHAN com o MEC, - um inventário pedagógico - que viabiliza a discussão com a escola e com os professores sobre patrimônios públicos, dando assim a oportunidade de professores e alunos, conhecerem melhor como funciona museu. Esta ação educativa dentro da instituição expressa que é necessário o profissional pedagogo, pois nesse espaço acontece debates, exposições, saraus, atividades culturais que possibilitam os alunos a refletirem e criticarem sobre determinado assunto que não é debatido dentro de espaços formais como a escola, sendo assim houve um avanço dentro dessa discussão.

Concluimos, portanto, que o pedagogo tem possibilidades de atuar para além da sala de aula, que se apresenta para ele um leque de possibilidades em vários espaços, sendo eles escolares ou não. Dessa forma o pedagogo tem a oportunidade de estimular o conhecimento e moldar as práticas pedagógicas de acordo com o público que irá atender, facilitando a comunicação interna e externa.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, V. **Museu-Educação: se faz caminho ao andar**. Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da PUC-RJ, 1987.p.3 1. (Dissertação *de* Mestrado).

ALMEIDA, A. M. Desafios da Relação Museu-Escola. **Comunicação & Educação**. São Paulo, set/dez. 1997.

BRASIL. Ministério da Educação/ Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.** Disponível em <
http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf > Acesso em 15 de maio de 2016.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.

GADOTTI, M. PADILHA, P.R. CABEZUDO, A (orgs). **Cidade Educadora: princípios e experiências.** São Paulo: Cortez, 2004.

GADOTTI, M. A Questão da educação formal/ Não-formal. São Paulo, 2005

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. In: **I Congresso Internacional de Pedagogia Social.** São Paulo, 2006.

_____. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. Investigar em Educação - II^a Série, Número 1, 2014

GRUNBERG, E. Educação Patrimonial - Utilização dos bens culturais como recursos educacionais. (Apresentada no Encontro de Museus do Mercosul), São Miguel, RS, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. In: PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2002.

IPHAN. O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Disponível em <
<http://portal.iphan.gov.br/> > Acesso em 15 de maio de 2016

LOPES, M.M. A favor da desescolarização dos museus. In: **Educação e Sociedade.** São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior, n.40, 1991. p.443-455

MARTINS, H.H.T.S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

MARANDINO, M. Museus de Ciências como Espaços de Educação In: Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p. 165-176.